

## António Almodovar: Um amigo e um colega

Carlos Bastien<sup>1</sup>

Conheci o António Almodovar em momento que não consigo recordar com precisão mas que terá sido algures nos anos 70, quando ambos iniciávamos as nossas carreiras académicas.

No plano pessoal, a circunstância de vivermos e trabalharmos em cidades diferentes, impediu um contacto muito frequente ou, ao menos, tão frequente quanto desejaríamos ter tido. Encontrávamo-nos nas suas ocasionais deslocações a Lisboa ou nas minhas ao Porto, na maioria dos casos determinadas por colaboração em trabalhos académicos, noutras vezes, várias, para participarmos em seminários e realizações afins cá e lá fora, em particular nos diversos encontros da Associação Ibérica de História do Pensamento Económico. Mas este afastamento não impediu que aos longo dos anos se fosse sedimentando uma sólida confiança pessoal e amizade, pautadas desde sempre pela sua permanente boa disposição e espírito crítico.

No plano académico, o nosso encontro decorreu naturalmente da circunstância de ambos termos dedicado parte muito significativa das nossas carreiras académicas à história do pensamento económico. Amiúde trocámos opiniões sobre os trabalhos de leccionação e de investigação que fomos realizando. Em algumas vezes para confrontarmos pontos de vista discordantes. Lembrou-me, por exemplo, que ele nunca concordou com a minha tentativa de apresentar o economista Oliveira Marreca como um “pequeno List” e que eu nunca me conformei com a periodização da história do pensamento económico em Portugal que apresentou no seu livro *A History of Portuguese Economic Thought*. Mas, na maior parte dos casos, as nossas conversas e leitura dos nossos textos de reflexão ou para publicação saldaram-se na maioria dos casos na verificação da existência de pontos de vista concordantes ou complementares, servindo sobretudo para acrescentarmos algum conhecimento sobre temas de interesse comum. Os fundamentos do corporativismo português foi justamente um desses temas, porventura aquele sobre o qual confrontámos mais detidamente os nossos pontos de vista, pese o facto de ter já acompanhado mal os seus últimos escritos sobre o pensamento económico católico e sua influência na formulação dos discursos doutrinários em Portugal.

Mas partilhámos mais. Partilhámos uma mesma desconfiança pela economia ortodoxa afastada da dimensão social e histórica, partilhámos tópicos como o do modo de funcionamento das ideias económicas no debate parlamentar, e até, numa certa fase, o interesse pela história empresarial na sua relação com as ideias económicas. Partilhámos a colaboração em obras como *Pensamento Económico Português 1750-1960. Fontes documentais e roteiro bibliográfico* e o *Dicionário Histórico de Economistas portugueses*. Numa certa fase das nossas carreiras partilhámos o convívio científico com Armando Castro, que, creio poder afirmar, foi mestre e referência para ambos. Mas partilhámos também a amizade e o convívio científico com colegas da nossa geração —em particular com o José Luís Cardoso e com a Fátima Brandão— com quem de alguma forma compusémos um grupo informal no âmbito da história do pensamento económico que se ia produzindo em Portugal, independentemente das diferenças metodológicas que orientaram a nossa investigação.

Mas foi a sua tese/livro *A Institucionalização da Economia Política em Portugal - 1750-1850*, um dos muitos textos que publicou, o que mais me impressionou e ensinou. Trata-se da mais conseguida análise, sempre assente em fontes primárias, dos escritos dos mais relevantes econo-

<sup>1</sup> Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão.  
bastien@iseg.utl.pt

mistas portuguesas do período mencionado mas também uma obra de síntese e de interpretação global das condições de difusão —e de influência prática— dos saberes económicos, nas suas múltiplas dimensões, de teoria, de doutrina e de política económica. E esse é porventura o seu escrito que mais perdurará como obra de referência para quem no futuro se ocupe da história do pensamento económico em Portugal.

Tomei conhecimento, tardiamente, que a IJHET projectava dedicar algumas páginas à recordação e homenagem a António Almodovar, mas, ainda assim, senti que não podia deixar de colaborar nesse propósito com este brevíssimo testemunho.